

## A PRÁTICA JORNALÍSTICA E SUA FORMULAÇÃO

SILVA, Telma Domingues da/ UNIVÁS  
(telmadds@gmail.com)

O presente trabalho é uma reflexão sobre o discurso jornalístico em um momento de mudança, a partir do advento da tecnologia digital. Essa tecnologia age na identificação de jornalistas e leitores em relação a “o que é o jornal”. A análise da enunciação em torno desse momento no meio jornalístico aponta para um jornal que acaba e um jornal que fica: ou seja, a designação “jornal” mantém-se em referência a um conjunto determinado de textos em que se destacam as “notícias”, embora a materialidade digital faça (d)esse objeto (um) outro.

Parto aqui de uma concepção de jornal como texto, no sentido em que Orlandi (2001) trabalha essa noção. A autora distingue *constituição*, *formulação* e *circulação* e compreende a formulação como o modo pelo qual o discurso toma corpo: “Formular é dar corpo aos sentidos” (ORLANDI, 2001, p. 9). O jornal tem sido um modo pelo qual a prática discursiva da imprensa se formula, voltando-se ao cidadão. A formulação depende de circunstâncias, dos discursos que a produzem, bem como da própria materialidade.

A compreensão do jornal como unidade imaginária, em uma formulação específica, implica problematizar justamente a visão de que é, em certa medida, um mesmo texto jornalístico que se escreve (e se inscreve) em “qualquer plataforma”. Toda produção textual implica na produção de um dado corpo que como tal circula.

Que discurso urbano significa o (sujeito) digital? Ou: como o meio digital significa o (sujeito) urbano? Do *jornal gráfico* para o *jornal on line*, pela presente análise, mostra-se um processo de significação do espaço digital pelos elementos do urbano, que aproximam o sujeito urbano ao digital pelo que já lhe é conhecido/reconhecido.

A formulação “jornal” em sua materialidade gráfica é significativa do sujeito urbano: constitui-se uma significação do espaço urbano como circulação e “cotidiano” na sua própria produção (efeitos de atualidade e de difusão), sua composição textual metaforiza a “vida na(s) cidade(s)” e os sentidos de “dever de informação” são constitutivos simultaneamente da imprensa e do cidadão.

Orlandi (2001) mostra como as instâncias da constituição, formulação e circulação são igualmente importantes para o analista que procura compreender o funcionamento do simbólico. “Acrescentemos ainda a importância da instância da circulação onde os dizeres são como se mostram. Os trajetos dos dizeres. (...) Ou seja, os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam...” (ORLANDI, 2001, pp. 11-12). Elemento simbólico do cotidiano urbano, o jornal, em sua materialidade gráfica, remete a seus modos de circulação: exposição nas bancas,

entrega nas residências, presença em espaços de circulação/ estar, como salas de espera etc.

A partir da AD, podemos conceber o jornal como um texto na medida em que se constitui em unidade imaginária. Isto é, enquanto efeito de unidade, que é da ordem do imaginário, a prática jornalística produz o “jornal”, corpo que se faz presente de certo modo na vida urbana:

“O jornal, de *jour* em francês, que também pode ser chamado de diário ou periódico... Trata-se, pois, de uma delimitação do objeto do jornalismo, que:

- permite para a prática jornalística, através dessa cobertura programada e periódica do acontecimento histórico, que esta se constitua ela mesma em uma marca temporal (o jornal é a própria atualidade, diária, se fazendo na história...). Desse modo, o jornalismo inscreve o sujeito ‘em seu tempo’, inscrevendo-o, por outro lado,

- em uma espacialidade difusa, na medida em que traz, de maneira institucionalizada, notícias de diferentes ‘lugares’ de interesses, próximos e distantes quanto às suas referências históricas” (SILVA, in ORLANDI, 2001, p. 152).

A designação “jornal” é levada para o digital, através de uma prática jornalística empresarial já reconhecida pelo público leitor. Assim, não temos “jornais on line” – como materiais disponíveis para o sujeito no espaço de circulação da cidade –, mas temos a Folha.com, o Estado.com, etc. como produtos jornalísticos que podem ser “buscados” ou “acessados” pelo sujeito leitor no espaço digital.

A relação do sujeito com o jornal on line é significada pela expressão “acesso”. O sujeito pode acessar o jornal através de aparelhos diversos (celular, IPAD) ou em suas comunidades virtuais (Twitter, facebook etc.), reproduzindo-se os espaços de encontro do sujeito com o jornal. As mudanças na “forma de produzir, distribuir e consumir notícia” produzem um sujeito urbano contemporâneo conectado a diferentes aparelhos e “espaços virtuais”, em uma entrada na tecnologia que lhe permitiria reconhecer-se como tal através desse imaginário de um corpo virtual, que está ao mesmo tempo em vários lugares, ligado a “fontes”.

Desse modo, o *jornal gráfico* e o *jornal on line* apresentam-se como duas diferentes *formas materiais*, em que uma mesma designação é levada a operar, metaforicamente, sobre um outro corpo. Essa transferência de sentidos para o digital se faz a partir de uma prática jornalística já concebida como empresarial no âmbito do jornalismo gráfico.

### **Bibliografia:**

ORLANDI, E. **Discurso e texto**, Campinas, Ed. Pontes, 2001.

SILVA, T. D. Mídia e imagem urbana: tecnologia no discurso jornalístico. In: ORLANDI, E. (Org.) **Cidade atravessada** – os sentidos públicos no espaço urbano, Campinas: Pontes, 2001.